

**Mãoesementes Conectadas: Tecendo a Rede Colaborativa  
Agroecológica de Parelheiros**

*Mãoesementes Connected: Weaving the Agroecologic Collaborative Network of Parelheiros*

MARCELINO, Lucimara. ITCP-USP, luamar.lu@gmail.com; DINIZ, João Rafael Vissotto de Paiva. ITCP-USP, rafa.diniz@uol.com.br; ROMEU, Ana Paula Souza. ITCP-USP, anaromeu@yahoo.com; GONÇALVES, Fernanda Silva. ITCP-USP, nandagonca@gmail.com; RODRIGUES, Daniel Flores Camargo. ITCP-USP, altereu@ig.com.br

**Resumo**

Na atual falência dos sistemas de produção com base no alto consumo energético e na importação de insumos, urge a necessidade de alternativas socioambientalmente viáveis para alimentar a população humana. Nesse contexto, a ITCP-USP e o Grupo Cultivar de agricultores têm desenvolvido, por meio de encontros participativos e do trabalho coletivo, uma rede de produção agroecológica no extremo sul paulistano. Destacam-se como resultados dessa parceria a resignificação e o resgate de valores e práticas rurais tais como solidariedade e cooperação, o auto-reconhecimento dos agricultores enquanto trabalhadores dignos e fundamentais às cidades, e a consolidação de uma rede de consumo calcada nos princípios do comércio justo e solidário. A extensão universitária se mostra como prática capaz de propiciar a construção de conhecimentos outros, embasados na troca de saberes tradicionais e no desenvolvimento de tecnologias sociais, o que se dá pelo encontro entre universidade e comunidade.

**Palavras-chave:** Agricultura urbana, economia solidária, periferia paulistana, pesquisa participante.

**Abstract**

*In the actual collapse of the productive systems based on the high energetic consumption and insume importation, emerge the need of viable social-environmental alternatives to feed the human population. In this context, the ITCP-USP and the Cultivar farmers group has developed, through participatory meetings and collective work, an agroecologic production network in São Paulo extreme South. Stands out as results of this partnership the remeaning and the rescue of rural values and practices such as solidarity and cooperation, the self-recognition of farmers as worthy workers essential to the cities, and the consolidation of a consumption network based on the fair and solidary trade. The university extension is a practice able to provide the construction of others knowledges, based on the exchange of traditionals knowings and on the development of social technologies, by the encounter of university and community.*

**Keywords:** Urban agriculture, solidary economy, São Paulo periphery, participant research.

## Introdução

O atual sistema de produção comercial de alimentos tem como base a utilização de técnicas de plantio de alto consumo energético, como os agrotóxicos e adubos artificiais. Essas técnicas de manejo trazem sérios prejuízos ao ambiente e à saúde humana, tanto dos trabalhadores do campo como das pessoas que se alimentam dos produtos assim cultivados (GLIESSMAN, 2005). Esse processo também tem como consequência a perda progressiva de autonomia dos agricultores no que se refere à produção de sementes e à manutenção da fertilidade dos solos (SHIVA, 2003).

Soma-se a essas questões a crescente insustentabilidade dos centros urbanos, o que se observa, por exemplo, ao longo da extensa periferia da metrópole paulistana: a paisagem é dominada pelo movimento de urbanização, que leva à descaracterização local marcada pela alteração da dinâmica socioambiental. Na região de Parelheiros, localizada no extremo-sul de São Paulo, contraditória e simultaneamente, observa-se um grande número de pequenas chácaras e sítios, as quais abrigam agricultores urbanos e peri-urbanos em meio a uma extensa área de preservação ambiental.

Nesse contexto, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo (ITCP-USP) realiza há quase três anos trabalhos relacionados com a organização e capacitação de agricultores em Parelheiros e adjacências, visando o desenvolvimento local auto-sustentável e a construção de conhecimento com base nos saberes tradicionais e nas possibilidades tecnológicas da universidade. A constituição de uma rede solidária de produção e consumo de alimentos agroecológicos tem se consolidado por meio do Grupo Cultivar, o qual é formado hoje por oito famílias que produzem hortaliças, temperos, raízes, frutos, mudas de plantas nativas ou ornamentais, mel e seus derivados.

## Metodologia

A metodologia que sustenta o projeto reflete o caráter multi e interdisciplinar do processo decorrente, pois as diversas bases teórico-práticas – Economia Solidária, Agroecologia, Educação Popular, Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1981) – são permanentemente integradas e repensadas, o que se destaca como uma diretriz da ITCP- USP.

A estrutura de realização das atividades tem como base as reuniões semanais da equipe executora, a qual é formada por estudantes e profissionais diversos, para avaliação e planejamento. O acompanhamento dos agricultores se dá por meio das saídas de campo semanais, organizadas para que cada família seja visitada ao menos mensalmente.

São também realizados dois encontros mensais reunindo todos os participantes do projeto – agricultores e equipe ITCP: nas “oficinas” são abordados os aspectos mais práticos, referentes ao cultivo dos alimentos, com trabalho coletivo nas propriedades; e as “reuniões” se relacionam com as decisões e discussões do grupo Cultivar, por isso de caráter reflexivo e deliberativo. Ambos constituem momentos fundamentais para a troca de experiências e de construção coletiva e participante do conhecimento, sobretudo do processo de transição agroecológica, motivo pelo qual as refeições e os temas abordados, por exemplo, são de responsabilidade de todos os participantes, e o local de realização rodizia entre as terras, propiciando o acompanhamento mútuo e contínuo das transformações nos plantios.

## Resultados e discussões

Diferentemente dos trabalhadores expropriados, portadores apenas de sua força de trabalho, a realidade camponesa apresenta determinadas características: a terra é propriedade familiar, se constituindo diretamente no instrumento de trabalho que pertence ao próprio trabalhador, não sendo instrumento de exploração. Contudo, por não objetivar o lucro ou a renda da terra, mas a reprodução das condições de existência da célula familiar, o que se agrega às especificidades da

## Resumos do VI CBA e II CLAA

dinâmica de trabalho agrícola determinada pelos ciclos naturais, o camponês não é um equivalente rural ao capitalista (OLIVEIRA, 1990).

Tal realidade, entretanto, assume outro caráter quando no espaço urbano: a integração dos agricultores à dinâmica da metrópole acarretou transformações profundas no seu modo de vida, mesmo em Parelheiros. Em termos gerais, com a redefinição cultural trazida pelo processo de urbanização, os valores culturais rurais deram lugar a um “ideal urbano de cidadão”, no qual o próprio trabalhador rural passou a assimilar e adotar práticas que antes lhe eram estranhas. Nesse sentido, “há ainda o pressuposto de dependência do rural em relação ao urbano, que só poderia se desenvolver pela inserção, em seu meio, dos estilos de vida da sociedade urbana e através do consumo dos seus produtos” (SANTOS, 2007).

Como indicadores desse processo, observa-se que grande parte dos alimentos consumidos pela família é comprada, sendo pouco significativo o cultivo para sustento próprio, além do individualismo característico das grandes aglomerações urbanas, em que, apesar de próximas, as famílias se isolam. Em decorrência disso, práticas seculares de ajuda mútua para o planejamento e a realização de ações conjuntas, como mutirões, não eram mais verificadas, o que apresenta especial relevância tendo em vista que a conjugação de esforços, mais do que reflexo de uma cultura rural, é fator essencial para o atendimento de demandas pontuais do trabalho do agricultor e de sua família (CANDIDO, 1964).

Por tudo isso, a realidade campesina, desde o início do projeto, não mais se verificava junto aos agricultores acompanhados pela equipe executora. Todavia, a partir das oficinas, reuniões, mutirões e demais atividades, importantes avanços puderam ser verificados.

Os momentos de reflexão e as práticas de retomada dos saberes tradicionais auxiliaram em um processo gradativo de reencantamento com a atividade agrícola: esse sentimento de valorização do próprio trabalho e da condição de agricultor em um ambiente urbano acarretou transformações importantes na postura individual. A partir do reconhecimento do próprio trabalho e da autoafirmação como indivíduo essencial à toda uma coletividade maior, esse agricultor urbano e sua família adotaram novas atitudes relacionadas à procura de melhores condições de vida, agora tendo por referência não mais soluções externas a seu meio, mas alternativas dentro de sua própria atividade laboral. Como elemento concreto dessa nova experiência coletiva, destaca-se o ressurgimento de visitas mútuas, trocas de sementes e, principalmente, o fato de estarem, como grupo, realizando encontros para discutir seus princípios quanto ao cultivo da terra e à comercialização. Mesmo a posição do grupo diante do poder público local, especialmente a subprefeitura de Parelheiros, tornou-se, de uma postura passiva e resignada, em uma posição pró-ativa e reivindicatória em torno das demandas coletivas identificadas.

Mediado pela atuação da equipe executora, teve início um processo de reflexão e problematização sobre o lugar que os agricultores ocupam dentro do sistema capitalista: são parte da engrenagem, porém distantes do produto final, pois não são beneficiados pela riqueza produzida. Dessa forma, foi possível ao grupo repensar as relações de produção e consumo. Nesse sentido, a partir da experiência com práticas de comercialização, diversas discussões foram problematizadas: o valor almejado e o recebido pelos agricultores por seu trabalho, o valor que é pago pelo consumidor final e o que fica com o agricultor e com os intermediários, os critérios para a formação de um preço justo, entre outros temas. Nasce, então, a decisão de não reproduzir as práticas do sistema capitalista, mas de constituir possibilidades de trocas com base nos princípios da justiça, solidariedade e coletividade.

Essa escolha, após um diagnóstico conjunto dos potenciais caminhos para a comercialização à curto e médio prazo, orientou a oferta de alimentos agroecológicos do Grupo Cultivar para a Rede Sementes de Paz de Distribuição e Consumo de Alimentos Ecológicos. Esse empreendimento de economia solidária funciona como uma cooperativa de consumidores, propondo e construindo uma outra relação entre estes e produtores, a qual se estabelece por meio da aproximação dos envolvidos e da apropriação e transformação dos processos de troca. Para viabilizar essa parceria, o Grupo Cultivar tem realizado planejamentos de produção e fretes conjuntos, os quais

## Resumos do VI CBA e II CLAA

se aprimoram e se fortalecem com a concretude da demanda. Essa aproximação dos ideais propostos pelo movimento do comércio justo e solidário, aqui compreendido como fluxo comercial baseado no cumprimento de critérios de justiça e solidariedade e na participação ativa de todos os envolvidos, os trabalhos desenvolvidos com o grupo espelham o que afirma Singer (2002), quanto ao conceito da Economia Solidária: o predomínio da igualdade, da cooperação e da autogestão, a partir da visão crítica sobre o modelo econômico vigente.

Referente à transição agroecológica, uma série de ferramentas foram e continuam sendo desenvolvidas, sobretudo nas oficinas: práticas solidárias de produção e gestão coletiva envolvendo princípios agroflorestais, de compostagem e de adubação verde (chamada no grupo de "multimistura"), a elaboração e o uso de biofertilizantes, entre outras técnicas de manejo ecológico dos solos e dos cultivares.

Enquanto extensão universitária, o trabalho com o Grupo Cultivar se insere na discussão sobre o papel da universidade junto às comunidades: a Agroecologia como ferramenta que compreende os conhecimentos agrícolas tradicionais, derivados de experimentações cotidianas e segundo suas necessidades históricas e modos de vida específicos, bem como a potencialidade presente na academia em desenvolver e disseminar tecnologias sociais, torna real a construção de um outro conhecimento (CAPORAL e COSTABEBER, 1994), respeitando as raízes e peculiaridades de suas respectivas origens e consolidando a aprendizagem mútua e a troca de saberes.

### Conclusões

Por meio do trabalho conjunto do Grupo Cultivar e da ITCP-USP, o processo de transição agroecológica vem se desenvolvendo na região de Parelheiros, embasado na resignificação de valores cooperativos e solidários, produzindo e comercializando desde já alimentos saudáveis, e sustentando a construção de conhecimentos ricos em tecnologias sociais e vivos na realidade cotidiana da agricultura urbana.

### Agradecimentos

Ao CNPq, pelo financiamento (Edital CT-AGRO/CT-HIDRO/MCT/CNPq nº 19/2005; Edital MCT/CNPq/MDA/SAF/MDS/SESAN - Nº 36/2007).

### Referências

BRANDÃO, C.R. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades, 1964, 239 p.

CAPORAL, F.; COSTABEBER, J. *Por uma nova Extensão Rural: fugindo da obsolescência*. Revista Reforma Agrária, Campinas, v. 24, n. 3, 1994.

GLIESSMAN, S.R. *Agroecologia – Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 34-51.

OLIVEIRA, A.U. *Capitalismo no Campo*. In: LIMA, M.J.A. (Org.). *Seca - implicações políticas e formas de enfrentamento*. Recife: Centro Josué de Castro, 1990.

SANTOS, R.R. *A Territorialização do Capital e as Relações Camponesas de Produção*. Revista de Geografia Agrária, v. 2, n. 3, p. 40-54, 2007.

## Resumos do VI CBA e II CLAA

SHIVA, V. *Monoculturas da Mente*. Gaia, 2003, 152 p.

SINGER, P. *Introdução a Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.